

DA DISCUSSÃO DO AMOR À PRÁTICA FILOSÓFICA E DO FILOSOFAR

JOCIEL NUNES VIEIRA

UFRB. E-mail: jocielnv@gmail.com

ROSEMARE DOS SANTOS PEREIRA

UFRB. E-mail: ffresemare@hotmail.com

EMANOEL LUÍS ROQUE SOARES

UFRB. E-mail: el-soares@uol.com.br

Introdução

Tendo em vista que a Filosofia, seu ensino e sua forma de condução para a aprendizagem deve se enquadrar no modelo proposto pela instituição escolar, faz-se necessário, diante disto, que esta área do conhecimento não perca de vista sua identidade em meio às outras áreas. A antiga discussão de que a Filosofia é a “mãe” de todas as ciências, ainda persiste no meio escolar e acadêmico. Este não será nosso foco de discussão, mas sim, atentarmos-nos que ela é a “irmã” das outras áreas, uma vez que, assim, o diálogo interdisciplinar será mais facilmente trabalhado.

Um grande fato a ser notado, é que a Filosofia em seus espaços passa por uma crise de identidade: ela está ali para “dominar” as demais? para “fingir” ser a menor de todas? ou para contribuir para o seu próprio desenvolvimento e das demais?

Quando analisamos a situação pela qual a Filosofia já passou dentro (e fora!) dos currículos escolares, percebemos que os docentes muitas vezes não possuem subsídios suficientes para poderem orientar seus alunos, e muito menos estímulo, pois o componente curricular acaba sendo considerado como mera obrigação e, muitas vezes, com a finalidade de somente completar cargas horárias. O material didático disponibilizado para as escolas, são organizados ou por áreas da Filosofia (como Filosofia Antiga, Filosofia Medieval, Ética, Metafísica etc) ou de forma cronológica (trazendo as biografias dos pensadores e suas ideias, de forma histórica e linear). Des-

sa forma, a Filosofia não passa de contextualização. Esses métodos são importantes, mas não o principal a ser abordado. O centro do debate da Filosofia na escola, sempre deverá ser a realidade e os saberes que são constitutivos do lugar.

De um outro lado, os discentes, além de serem “forçados” a irem para a escola, sentem desmotivação para com a Filosofia, considerando-a uma disciplina que não tem utilidade. Para eles, é uma área de “ateus” e “loucos”, de pessoas que se dizem buscar a verdade, mas que nunca apresentam uma só, real e essencial.

E há ainda mais um olhar, a realidade na Academia. Os docentes muitas vezes levam o aluno a comentarem o que os filósofos pensaram, e estes fazem seus trabalhos de conclusão de curso, como meras opiniões sobre uma discussão já feita.

Tudo isso, faz-nos refletir qual a real função da Filosofia e por que deve-se ensinar aos luzentes, não ela, mas o seu filosofar.

Para essa reflexão, vamos rever os posicionamentos que são apresentados no diálogo platônico “O Banquete”. Mas por que tratar de uma reunião onde pensadores discutem sobre a temática do Amor? Pensamos que este sentimento é aquele que motiva o sujeito, indivíduo, pessoa e ser vivo a desejar algo, compreender, cuidar e preservar, lutar por ele, ressignificá-lo, compartilhar com o outro, com os demais seres vivos da natureza e com o mundo, afim de propagar o respeito, a liberdade de pensamento e expressão, a vivacidade do ser que sente a necessidade de outro ser e intensificar a troca, seja ela de saberes, de informações, de sentimentos ou emoções, ou até de amores.

Discussões sobre o amor

A obra do filósofo grego Platão (428 à 347 a.C.¹), “O Banquete”, retrata uma reunião de amigos pensadores, com o intuito

¹ Cf. sítio: <<http://www.e-biografias.net/platao/>>.

de “fazer um discurso de louvor ao Amor, o mais belo que puder” (PLATÃO, p. 9). Faz-se mister, então, conhecermos cada ideia apresentada sobre o Amor para, depois, pensarmos como essas características são comuns ao processo de Ensino e Aprendizagem da Filosofia e do seu filosofar.

O primeiro a falar na mesa do banquete, é o médico Erixímaco. Ele será o condutor da discussão, então, inicia problematizando que o Amor nunca recebeu um elogio que fosse realmente à altura do merecido: “Não é estranho [...] que para outros deuses haja hinos e peãs, feitos pelos poetas, enquanto que ao Amor todavia, um deus tão venerável e tão grande, jamais um só dos poetas que tanto se engrandeceram fez sequer um encômio?” (PLATÃO, p. 8); e convida seus amigos a proferirem suas ideias, conceitos e posicionamentos que mostrem a grandeza e valoração dedicados ao Amor.

O jovem retórico Fedro, segue o discurso salientando que o Amor é dos deuses, o mais antigo, que merece maior honra e dotado de maior poder.

Não é com efeito possível, sem isso, nem cidade nem indivíduo produzir grandes e belas obras. [...] ninguém há tão ruim que o próprio Amor não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso de natureza. (PLATÃO, p. 10)

Para ele, a importância do Amor é dada devido a sua capacidade de levar o sujeito à aquisição de virtudes (especialmente a beleza) e, com estas, também a felicidade, que é amar e morrer amando, pois aquele que ama pode até morrer pelo seu amante, e esse é o Amor que dura até após a morte.

Pausânias, filósofo discípulo de Sócrates, dá continuidade descrevendo o Amor não como “um”, mas como “dois”: “o amar e o Amor não é todo ele belo e digno de ser louvado, mas apenas o que leva a amar belamente” (PLATÃO, p. 12). O amar, denominado por Pausânias de “Popular”, pertence aos homens vulgares, que realizam

suas ações e agem conforme melhor lhes convém, não pensam na decência dos atos, suas conseqüências ou resultados, valorizam mais o corpo que a própria alma, prendendo-os a interesses supérfluos.

O outro tipo de amor citado é o “Celestial”, cujos amantes estão preparados “a amar para acompanhar toda a vida e viver em comum, e não a enganar” (PLATÃO, p. 12) Esse amor, é o que dota o sujeito de grandes ideias e firmes amizades, e o leva a respeitar as leis e normas, pois o sujeito pretende se adequar na sociedade para uma melhor sociabilidade e interação para com o outro.

O sujeito que pretende obter ganhos, como dinheiro, cargos ou qualquer tipo de poder (sobre si, sobre o outro ou sobre alguma coisa), quando se utiliza de súplicas, juras e subserviências, foge da lei, logo, é considerado como uma pessoa indigna. Mas aquele que, dotado de um amor Celestial, busca as mesmas coisas, as consegue por meio de um enquadramento na lei, e isto o faz ser louvado pelos seus amigos e pessoas próximas. Faz-se necessário salientar que, este sujeito preenchido de amor, possui intenções contrárias às daquele que amor não possui. Os intuitos que o primeiro terá, serão adversos aos do segundo, simplesmente pelo fato de o sujeito querer promover uma vida comum (ou seja, igualitária), e autêntica (sem enganos e trapaças). Seu amor é aquele que leva o amante a amar o outro como a si mesmo.

Pausânias traz a ideia de que o amar ou o Amor, não podem ser valorados como “belo” ou “feito”, mas sim a forma de como é vivenciado esse Amor na forma de amar, dizendo: “não é em si e por si nem belo nem feito, mas se decentemente praticado é belo, se indecentemente, feito” (PLATÃO, p. 14). Com base na beleza ou feiúra da prática do Amor, podemos pensar, também, na outra dualidade citada por Pausânias, o “mau” e o “bom”: o primeiro não possui um amor constante, pois o que ama, também não é constante, e essa variação de “amores” trata-se somente de um preenchimento carnal, e não é algo que é deve ser conquistado, conservado e lapidado para o enobrecimento da alma; já o segundo, é o amante do cará-

ter, que “quer servir a um outro por julgar que por ele se tornará melhor, ou em sabedoria ou em qualquer outra espécie de virtude” (PLATÃO, p. 15).

Erixímaco aborda em sua vez, que é pela medicina que ele pôde chegar à conclusão de que o Amor “não está ele apenas nas almas dos homens, e para com os belos jovens, mas também nas outras partes, e para com muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais, nas plantas da terra e por assim dizer em todos os seres” (PLATÃO, p.17), a medicina é a ciência dos fenômenos amorosos. A função do médico profissional é a de fazer com que toda célula, órgão e sistema do corpo humano trabalhem de forma conjunta, como amigos que se amam. As expressões “consonância”, “combinação”, “mistura”, “associação” e “moderação” são trabalhadas pelo bom médico a fim de que o corpo e a alma se respeitem, estejam em harmonia e honrem um bom funcionamento, o que levará à honra, harmonia e respeito para com o outro e a natureza. Quando essas expressões se excedem de um lado ou de outro, resulta na intemperança do Amor, que ocasiona estragos, gera ofensas e promove a violência.

O cômico Aristófanes toma a palavra refletindo sobre o Amor de forma não filosófica e nem técnica, descrevendo o Amor como totalidade, logo, é o que faz um buscar no outro o Amor. Ele mostra que no momento da discussão que faziam, havia na sociedade dois gêneros humanos, o masculino e o feminino, mas ressalta que anterior a esta época, havia um terceiro gênero humano, o andrógino, distinto, porém comum aos outros dois, sendo sua forma humana como que os dois outros gêneros “colados” um no outro. O masculino descendia do Sol, o feminino, da Terra; e o andrógino, na Lua, que tem em comum os outros dois elementos. O filósofo diz que Zeus, afim de tornar os homens mais frágeis e úteis, corta os andróginos ao meio, fazendo-os buscar eternamente pela sua outra metade, na tentativa de se tornarem completos novamente. “E então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos

homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana” (PLATÃO, p. 22). A procura incessante pela totalidade do ser é o que Aristófanés denomina de Amor, que dirige a vida humana e comanda as ações.

Agatão, o anfitrião do banquete, vem em seguida, rebatendo todos os companheiros anteriores, dizendo que não era o deus-Amor a ser elogiado por eles, mas os homens que se apropriavam dos bens advindos do tal deus. Semelhante a Fedro, Agatão vem expor que o Amor é o melhor deus, mais feliz e belo, mas é contrário ao seu colega que o considera o deus mais antigo. Agatão diz que o Amor é o deus mais jovem, por estar presente mais nos jovens, e enfatiza que um ser sempre procura por seu semelhante. Por não ser algo duro e nem seco, o Amor não “anda” pela terra e nem nas cabeças dos homens. Ele é suave, habita nas almas e nos costumes daqueles que são delicados. Traz uma curiosidade característica, a da “umidade”, condição necessária para que ele possa adentrar em todas as almas. Além disso, o Amor é temperante, predomina sobre os prazeres e desejos, é justo e corajoso e,

É ele que nos tira o sentimento de estranheza e nos enche de familiaridade, promovendo todas as reuniões deste tipo, para mutuamente nos encontrarmos, tornando-se nosso guia nas festas, nos coros, nos sacrifícios; incutindo brandura e excluindo rudeza; pródigo de bem-querer e incapaz de mal-querer; propício e bom; contemplado pelos sábios e admirado pelos deuses; invejado pelos desafortunados e conquistado pelos afortunados; do luxo, do requinte, do brilho, das graças, do ardor e da paixão, pai; diligente com o que é bom e negligente com o que é mau; no labor, no temor, no ardor da paixão, no teor da expressão, piloto e combatente, protetor e salvador supremo, adorno de todos os deuses e homens, guia belíssimo e excelente, que todo homem deve seguir, celebrando-o em belos hinos, e compartilhando do canto com ele encanta o pensamento de todos os deuses e homens. (PLATÃO, p. 28)

Sócrates dialoga com Agatão e apresenta que o Amor é amor de algo, e deseja aquilo que ama, sendo geralmente desejado e amado aquilo que não se tem, logo, trata-se de uma necessidade. Ele apresenta sua ideia de Amor, segundo um conto que ouvira de uma mulher, que lhe interrogava falando sobre este ente não ser nem “belo” e nem “feio”, nem “bom” e nem “mau”, mas sim, um intermediário entre estes. Voltando a questão do Amor ser uma necessidade, identifica que ele não é um deus, pois está em falta de beleza e bondade e, não sendo um ser mortal e nem imortal, o Amor é então um gênio com poder de ligar os homens aos deuses, completando-os mutuamente.

Para concluirmos essa análise do diálogo platônico, explicitamos que Alcibiades, o político, também se faz presente no banquete para discursar, porém, suas palavras não são voltadas para o Amor, como se vê: “Louvar Sócrates, senhores, é assim que eu tentarei...” (PLATÃO, p. 49). Por este motivo, tal discurso não será re-pensado na temática do Ensino e Aprendizagem da Filosofia.

Da discussão à prática da filosofia e do filosofar

Podemos observar que este diálogo de Platão externaliza as duas concepções de mundo que o filósofo tem: mundo inteligível (das ideias) e mundo sensível (das aparências). São as opiniões sobre o Amor “copiando” a verdadeira essência e real conceito do que é o Amor. Essa obra, antes de ser tratada como um diálogo, deve ser considerada como um duelo de discursos na busca da definição perfeita sobre a temática escolhida.

Pensem, então, no Ensino e Aprendizagem de Filosofia. A educação, no geral, do homem se dá, num primeiro ponto, por imposição (onde deve buscar algo porque alguém lhe ordenou) e, num segundo plano, por curiosidade (vontade de saber mais, de crescer). Muitas vezes, ficamos presos à uma educação imposta, sem contato com novas experiências, mas uma pessoa não cresce só, precisa do

outro para desenvolver suas habilidades de falar, agir e, principalmente, pensar. É com o objetivo de causar um choque no indivíduo, que a Filosofia aparece como componente curricular fundamental no Ensino: o choque com informações novas, que a princípio parece prejudicar, se torna uma busca incessante por conhecimento.

Analisemos como o Ensino e Aprendizagem de Filosofia tem a ver com o Amor tratado por Platão em seu diálogo “O Banquete”, e como tais características apresentadas, são as mesmas que levam a um filosofar.

Primeiro, como já foi dito, a Filosofia causa um choque em seus primeiros contatos, seja pela rigorosidade das questões tratadas, pela dificuldade em compreender a totalidade do pensamento de determinado filósofo sobre um assunto específico, pelo fato de perguntar demais e às vezes faltar respostas, ou pelo fato de uma única temática ter sido tratada por tanta gente, que fica difícil decidir em quem devemos acreditar.

Esse choque é a representação dos dois mundos platônicos: o mundo das opiniões, do senso comum, que tenta imitar os conhecimentos mais estruturados dos filósofos. Mas isso não quer dizer que o conhecimento do filósofo seja o verdadeiro, mas somente serve de estímulo aos aprendizes, para perceberem que, organizando lógica e coerentemente suas ideias, podem formular teorias sobre o mundo, a realidade, sobre si e sobre as coisas, o que dá um caráter genuíno a seu pensamento, não sendo uma mera informação que foi transmitida, acreditada e enraizada, mas desconstruída, pautada, comparada, investigada, reformulada e reafirmada.

Perguntamos: Como as ideias apresentadas pelos filósofos sobre o Amor, na obra, se liga à temática da educação?

Como Erixímaco traz a ideia de que o Amor não tem seu valor reconhecido, percebemos que a Filosofia também não o tem. Para que essa valoração venha a ocorrer, os cursos de formação de professores devem conduzir seus alunos-futuros professores a um pensar livre, sendo este também fundamentado em toda trajetória

da Filosofia. Se um aluno não esforça-se em pensar numa problemática que faz parte de seu contexto social, cultural, religioso ou acadêmico-escolar, como pode ele filosofar? A atitude do filosofar vem primeiro que a Filosofia, ou seja, o sujeito primeiro pensa, depois ele entende que o que ele pensou já foi pensado por outros de forma sistemática e estruturada por determinados conceitos. Com a Filosofia, o sujeito poderá consolidar seu filosofar, criando seus próprios conceitos e desencadeando suas próprias teorias.

Com Erixímaco também, notamos que a Filosofia no contexto educacional buscará harmonizar o homem consigo mesmo, com o outro e com as coisas no mundo, fazendo com que o sujeito evite certos excessos na vida, como a imposição na fala, a superioridade no jeito de se relacionar, a falta de acolhimento com o pensar do outro e o isolamento que se considera como autosuficiência; o ato do filosofar, que medita, reflete e investiga, dota de temperança e prudência a pessoa na realização de suas ações, que são antes pensadas afim de promover um bem comum e duradouro, a troca de conhecimento.

E no que diz respeito a essência e harmonia, reconfigurando a fala deste filósofo, insistimos que o professor deve ser aquele que problematiza os temas com seus alunos, elevando a essência de cada um, harmonizando os pensamentos do senso comum deles com a teoria filosófica dos pensadores.

Retomando a ideia de Fedro, que fala das virtudes e importância delas, pensamos que o filosofar é algo intrínseco ao ser humano, devido sua característica peculiar da racionalidade que procura intensificar o que é próprio da natureza humana, a virtude do pensar. Virtudes são as características que cada aluno demonstrará em sala de aula, e a função do educador é dá-las importância, pois é através dessas atitudes que o conhecimento deles pode estar sendo gerado: com seriedade, timidez, brincadeiras, discordâncias, falatório, etc. E se o pensar é intrínseco ao ser humano, não só a escola deve-se atentar para com seus alunos, mas, principalmente,

os pais com suas crianças, pois estas trazem consigo a todo instante a curiosidade, elemento essencial que contribui para a busca de respostas às inquietações, formando o saber básico das coisas, que ao longo da vida, com estudos, pesquisas, formações, experiências e diálogos, lapidam o saber filosófico. É essa forma natural do ser conhecer as coisas, uma ferramenta do conhecimento, que leva os discípulos a externalizarem de forma simples suas concepções acerca das coisas para, a partir daí, possibilitar um debate de ideias e formulação de teorias.

Voltando à concepção de Pausânias, verificamos que para haver Filosofia, deve-se ter humildade no filosofar. O enobrecimento da alma que ele nos fala, só pode ser alcançado com humildade, uma vez que aquele que se preenche de luxúrias e vaidades, não tem consigo nenhum saber valoroso que o edifique e ajude-o a edificar o outro. Assim é na sala de aula: será que os alunos estão ali interessados em aprender? Devo fingir que ensino enquanto eles fingem que aprendem? Essas são questões que o Filósofo-Professor não deve tratar com dualidade, pois ela é uma mera possibilidade. É tarefa dele não viabilizar essa possibilidade. Não se deve pensar sobre um aluno que este não quer aprender, mas motivá-lo a todo momento e em todas as aulas, a ânsia pelo saber. Por isso, as metodologias e didática devem envolver dinâmicas, interação, atividades variadas, leitura, escrita, som, imagem, corpo e mente, porque tudo isso, no final, é uma coisa só: o aluno!

A humildade no cenário educacional, é um compromisso e responsabilidade de todos os envolvidos: primeiramente os pais que enviam seus filhos, cientes de que o espaço escolar é aquele que apresentará o mundo de forma básica e diversa, ou seja, é um espaço que merece respeito, atenção, zelo e parceria, as exigências devem haver paralelamente ao acompanhamento dos aprendizes que lá estarão; segundo, a função da direção e demais responsáveis pela escola é promover um lugar organizado, com normas que beneficiem o bom funcionamento do local e permita que os direitos

individuais de casa um sejam respeitados, por isso, qualquer ato de soberania ou imposição de forma brusca e rude implica num não acesso à Filosofia, muito menos à Educação; terceiro, o professor é aquele que conduz o conhecimento e, como Sócrates ao final do banquete, dialoga com os demais saberes, apresentando uma reflexão mais concisa e orgânica, caso sua posição seja a de avaliar o que cada aluno “decorou” de um assunto para repeti-lo, não haverá assimilação e apreensão de conteúdos; por último, os discentes, devem manter sua humildade no respeito às autoridades institucionais, de saberes e de hierarquia funcional, mas que isso não os impeça de posicionarem-se externalizando seus valores e argumentos sobre a realidade e contexto discutidos.

Baseando-se na fala de Aristófanes, chegaremos a concepção de que a Filosofia busca um diálogo com as demais áreas de conhecimento. Sendo ele um poeta e cômico, não quer tratar da temática do Amor nem técnica e nem filosoficamente. Então podemos pensar: todas as aulas de Filosofia devem ser, impreterivelmente, estruturadas somente com conteúdos filosóficos? Não! A Filosofia é marcada pelos seus textos rígidos e densos, chegando a ser taxados de chatos pelos alunos, que ainda não possuem familiaridade com os termos, teorias e historicidade dos fatos. Faz-se necessário, levar os alunos a reflexão de sua própria realidade, de seus desejos, paixões, dificuldades, alegrias.

Todos esses elementos do ser unidos ao filosofar, propiciam à Filosofia sua interdisciplinaridade. Nada mais prazeroso que interpretar palavras, leituras, números, fórmulas, contextos, artes, símbolos, experiências e vivências com seu próprio modo de pensar, elaborando conjecturas e especulando pontos de vista.

Agatão vem mostrar uma coisa diferente no Amor, a Umidade. A Filosofia é o componente curricular mais úmido que podemos ter, pois ela, como irmã das outras ciências, é a única que percorre cada área, conceito, definição, questionamento, resposta, afirmação, negação, opinião, saber, informação, conhecimento... cada dito

e não-dito, permeia as objetividades das palavras, frases, argumentos e discursos, e investiga minuciosamente as subjetividades neles contidos.

E assim chegamos a Sócrates, o pai da Filosofia, mestre clássico, aquele que dialoga com o outro com toda sua ignorância na busca da verdade, chegando ao conhecimento de si, de que nada sabe e de que o outro o ajuda a mostrar que a verdade não é absoluta, mas uma convenção. E como Sócrates, o intermediador de conhecimentos se mostra não como detentor do saber, mas auxiliar, que levanta questões a fim de desconstruir verdades impostas, no intuito de motivar a criticidade e reflexão dos luzentes. Esses luzentes, mais que seres a quem deve ser orientado um conhecimento, são os verdadeiros detentores do conhecimento, eles formam o plural das culturas, a diversidade de uma ideia só, a multiplicidade de realidades num só lugar, e todos eles são os eternos responsáveis por conduzir o mestre a uma formação e aprendizado contínuos.

Pensamos, através do posicionamento dele, na superação da crise pela qual a Filosofia passa no contexto educacional, quando é tratada com descaso na formulação dos currículos, dos materiais didáticos, conteúdos programáticos e formas de avaliação, afim de garantir sua identidade de “amante da sabedoria”, aquela que se preocupa em levar não só o saber, mas propiciar que o sujeito formule o seu próprio saber na multiplicidade de saberes, isto é, apropriando cada neo-pensador de um reconhecimento de si para si próprio, considerando o outro e seus respectivos lugares no mundo enquanto seres pensantes.

Conclusão

Diante do exposto, queremos ressaltar que as crises geradas nos diálogos (sejam elas existenciais, espirituais, sociais, culturais, etc) conduzem o homem a uma auto-dominação, a buscar seus próprios ideais encarando as coisas cônio-criticamente, para atuar no

mundo em conjunto com “o outro”, e juntos no amor à sabedoria. Observamos que o amor fundido na educação, gera uma relação inter-pessoal, de re-conhecimento e de respeito.

Para se pensar numa prática educativa que haja Filosofia e leve os envolvidos a filosofarem é, antes de tudo, necessário que este componente curricular tenha seu valor como as demais áreas do conhecimento, com função de ensinar algo, de fazer o sujeito adquirir algum tipo de conhecimento que ele pode aplicar em seu cotidiano e notar que toda sua trajetória histórica e investigativa merece respeito, admiração e zelo. Como filósofos, sabemos que a Filosofia não será a única a ser honrada e com direito ao poder do conhecimento, isso só acontecerá quando as demais áreas do conhecimento se ajuntarem a ela nessa proposta de disseminarem ideias, conceitos e saberes diversos, não fragmentados, mas fundidos, concatenados com a realidade passada estudada, a atual vivida e a perspectiva futura.

Além disso tudo, o mundo múltiplo que é o espaço escolar, o uno variado, se interado de filosofias em seu espaço, gerará uma consciência coletiva de mundo, que precisa ser analisada de forma crítica, com uma liberdade individual que permite a cada ser proferir seus discursos possibilitando ao falante e ao ouvinte, o Ensino e a Aprendizagem.

Referências bibliográficas

PLATÃO. O Banquete. Biblioteca Virtual Books Online M&M Editores Ltda. Minas Gerais. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf> Acesso em: 20.fev.2014.